

De corpo presente, Denise Cathilina

Ana Hortides
(entrevistadora)

DOI: <https://doi.org/10.22409/gambiarra.0607.119-127>

Denise Cathilina é professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, curadora independente, artista visual e fotógrafa. Possui participação em diversas exposições em importantes instituições no Brasil e no exterior (Paço Imperial, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Casa França - Brasil, Centro de Artes Helio Oiticica, Galeria EAV Parque Lage, Oi Futuro Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea de Rosário, Argentina, International Labor Organization, Genebra, Galeria Gedok, Munique). Em 1996, iniciou sua trajetória como professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Lecionou na Universidade Estácio de Sá e no Ateliê da Imagem (onde ajudou a fundar o Núcleo de Artes Visuais). Tem realizado *workshops* em instituições como a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sesc-RJ, Sesc-SP, Senac-RJ e em comunidades como a do Morro do Borel. Como curadora, já produziu cerca de 30 exposições de jovens artistas na EAV do Parque Lage, no Ateliê da Imagem e em seu próprio ateliê. Realizou a curadoria das duas últimas exposições da artista e arte-educadora Regina Alvarez, que tem como centralidade de seu trabalho a fotografia *pinhole*: *Regina Alvarez: pelo buraco da agulha* (2000) e *Uma Experiência Foto Sensível* (2011). Desde 2004 realiza pesquisas em *web art*, *game art*, internet, com participação no Festival Internacional de Cultura Digital, MAM-RJ, 2011. Atualmente explora em seus trabalhos e reflexões as fronteiras entre arte, comunicação e ensino da arte no *cyber* espaço e no ambiente dos jogos eletrônicos.

A entrevista é um diálogo entre a professora Denise e sua aluna Ana Hortides, buscando questionamentos sobre o processo criativo em sua produção e no campo das artes.

Ana Hortides é artista visual, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes na Universidade Federal Fluminense (UFF/RJ), estudante do curso de graduação em Artes na mesma instituição e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). Seu trabalho como artista-pesquisadora investiga as relações entre corpo-artista e câmera *pinhole* na constituição da imagem. É integrante do grupo de fotografia Pinhole Rio.

Imagem:

Página 123:
Denise Cathilina
Newton&Jobs, 2011.
(Fonte: Arquivo da artista)

Entrevista: De corpo presente, Denise Cathilina

[GAMBIARRA] Denise, fale um pouco sobre a sua formação, quando e como começou a atuar com fotografia.

[Denise Cathilina] Eu comecei nas artes desde muito cedo, praticamente eu entrei na escola, no jardim de infância, junto com a escola de piano. Então, desde os cinco anos, estou nessa prática de arte. Uma coisa que foi muito importante – ter começado cedo.

A questão da disciplina e do trabalho. Lembro que quando eu estava aprendendo a contar, soube que quando você está querendo ser concertista de piano clássico, se diz que você tem que estudar de oito a nove horas por dia. Então pensei: eu durmo oito, vou estudar piano oito, já são dezesseis; vou para a escola mais cinco, vão sobrar só duas horas para eu casar, comer, tomar banho, escovar os dentes, ter filho... E na prática, acaba sendo mais ou menos isso mesmo.

Depois dessa experiência com a música, que foi até o início da adolescência, eu fui para o teatro. Com quinze anos eu comecei o teatro, cheguei a fazer UNIRIO, a Universidade de teatro, e trabalhei quinze anos com teatro. Um dia, fui fazer um curso de fotografia no Parque Lage sem que tivesse intenção de mudar de profissão. Era mais porque eu era interessada em fotografia. Tive a sorte de cair num momento maravilhoso do Parque Lage, era final dos anos 1980 e início dos 1990, e lá estava se discutindo uma nova fotografia.

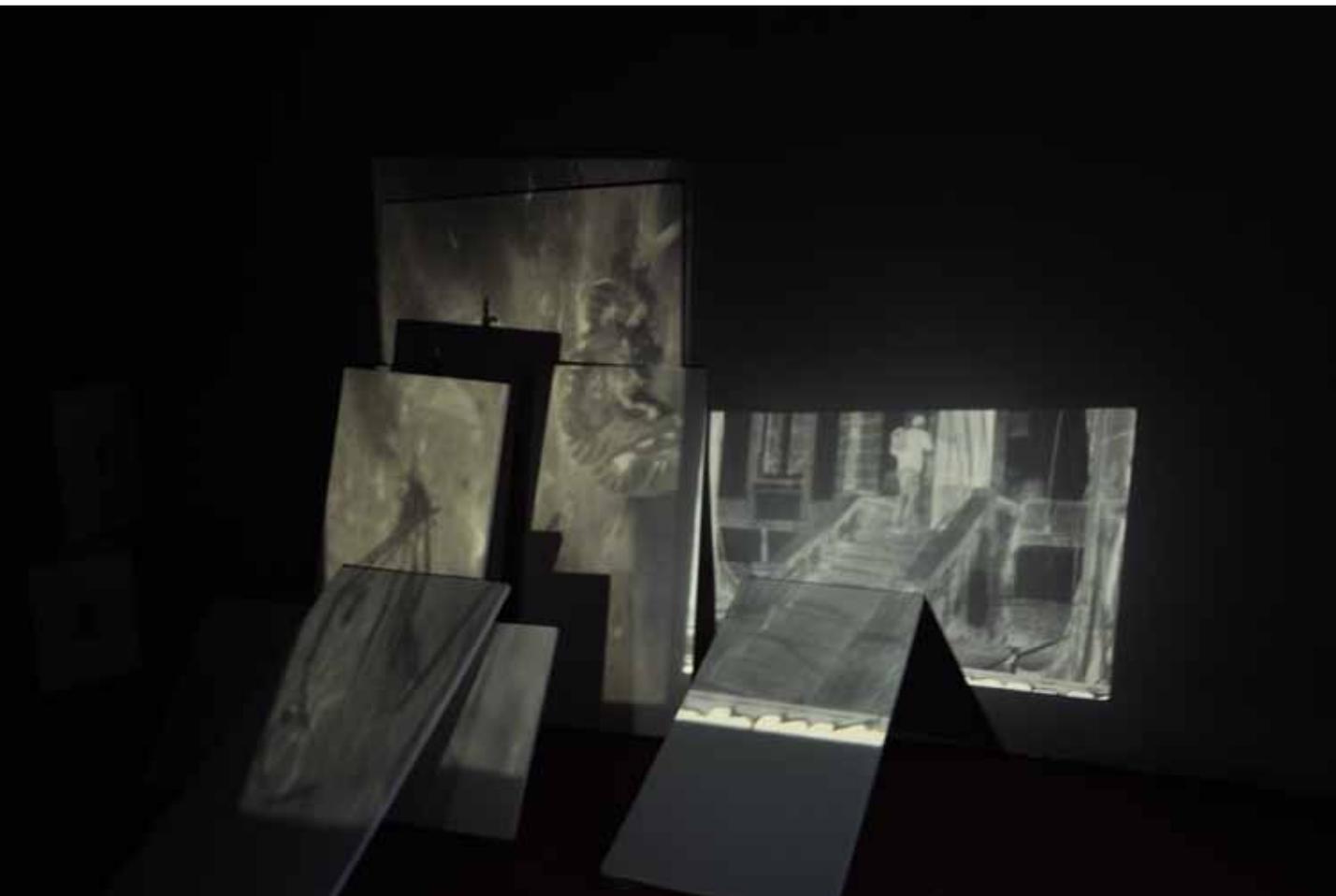
Durante o período da ditadura a fotografia documental era uma coisa muito forte e acabou diminuindo o valor da fotografia de expressão, da fotografia no campo das artes visuais. No final dos anos 1980 e início dos 1990, houve uma retomada. Várias pessoas que faziam uma fotografia “esquisita” se encontraram num festival. Essas pessoas eram Rochelle Costi, Rubens Mano, Paula Trope, Eduardo Brandão, Regina Alvarez, que estavam reunidas no Parque Lage para expor e também davam aulas. Foi quando eu entrei como aluna, nesse ambiente rico não só na formação do artista, mas também do público na questão do olhar aquela fotografia que era meio diferente naquela época e também de formação de professores. Eu acabei virando professora, assim como o Cezar Bartholomeu que está lá na EBA. Naquele momento começou a minha experiência com fotografia.

[GAMBIARRA] Nesse momento você começou a trabalhar de forma artística e profissional com a fotografia?

[Denise Cathilina] Sim. Eu já vinha das artes. No teatro, bem no iníciozinho eu cheguei a fotografar teatro, fazer *book* para os amigos, mas como eu comecei no Parque Lage o foco era mais uma fotografia voltada para as artes visuais. Eu vinha de uma trajetória da música, do teatro, então me adaptar àquelas questões da arte logo despertaram meu interesse pela fotografia das artes visuais. Nesse período eram organizados os primeiros Meses da Foto no Brasil, hoje em dia tem em São Paulo e em outros Estados, mas o do Parque Lage foi o primeiro, quando tive a oportunidade de começar a expor. E como falei antes, era um momento muito misturado. A Rosângela Rennó fazia o curso do Eduardo Brandão à tarde e dava aula à noite, eu e Cezar Bartholomeu frequentávamos tudo. Então, ser professora do Parque Lage foi quase uma consequência desse momento. Eu já dou aula no Parque Lage há dezoito anos, comecei em 1996.

[GAMBIARRA] Como você vê o seu trabalho quanto à técnica, à experimentação e a formas alternativas de registro fotográfico?

[Denise Cathilina] Eu sempre gostei da pesquisa. Eu acho que o meu trabalho se funda na experimentação e no processo, a obra é uma consequência, tanto que em alguns trabalhos de agora, os últimos, eu estou muito mais interessada na *performance*. Nós fizemos juntas o Leve Rio que é uma imensa *performance*, um *happening* e a materialização de um trabalho, mas ele não é dentro do museu e sim um trabalho que é levado pelo público. O meu interesse está muito relacionado a isso agora. Mas sempre foi na pesquisa e na pesquisa *low tech*, por ter começado no Parque Lage, que é a minha base e a minha casa, e sempre com muita dificuldade. A gente nunca tinha os materiais, os aparelhos e a minha pesquisa se voltou para isso. Então, desde cedo, me interessa o fotograma, que é a maneira mais essencial de fazer fotografia, que é luz e a matéria fotossensível. Interessam-me as emulsões do século XIX, quando a fotografia se informatizou, virou digital; eu me interessei por isso e também pela parte técnica, que vem do meu passado, pois eu cheguei a estudar engenharia. Mas sempre foi a parte *low* da tecnologia digital.



Eu não sou uma artista como o Gary Hill, ele tem uma equipe que faz o *software* para ele e até mesmo o *hardware*. Não é esse o meu interesse, mas sim me apropriar de coisas que são muito básicas, que estão disponíveis e podem ser baixadas ou são baratas ou de domínio público. A tecnologia que eu me interessou é aquela que está ao alcance de qualquer um, mas que o artista pode se apropriar e transformar em trabalho de arte, questionar aquele elemento dentro de nossa sociedade. Também me interessou por instalações. Acho que meu trabalho acaba sendo a resultante dessas várias coisas que eu fiz anteriormente: um pouquinho da engenharia, um pouquinho do teatro. Os trabalhos atualmente ganharam uma questão performática. Por trabalhar em teatro, sempre em equipe, o trabalho colaborativo me excita, me interessa, tem o Leve Rio e o Pinhole Day. Isso é uma coisa que eu trouxe do teatro, que além de eu achar muito rico, porque você vai colando ideias, colando estratégias, *modus operandi*, também escapa da solidão das artes visuais. Quando você está trabalhando no seu ateliê é uma solidão incrível – você com seus materiais e suas ideias.

[GAMBIARRA] É um processo solitário e conjunto ao mesmo tempo?

[Denise Cathilina] Pois é, quando você vai para o trabalho participativo aquilo ganha outros contornos. Talvez por a minha base ser de trabalhos coletivos, eu me sinto muito a vontade em coletivos e já é uma coisa que eu venho tateando desde o final dos anos 1990. Na última década isso tomou corpo e importância dentro da minha obra.

[GAMBIARRA] Por que você acha que isso aconteceu?

[Denise Cathilina] Eu acho que foi pela minha base do teatro, de estar grande parte da minha vida trabalhando com equipe. Hoje eu identifico como vindo do teatro. Minha parte professora... eu adoro dar aula. Eu gosto daquele contato com as pessoas, é um negócio que me enriquece. E durante esse tempo que eu dou aula fui transformando meus alunos em parceiros. Há um momento em que acaba a professora e, em um primeiro momento entrou a curadora, aí eu não era mais professora, era curadora. Eu fazia parte daquela equipe embora com outra função. Essa minha parte curadora veio de montar exposição de aluno. Depois, aquele modelo curadora já estava apertadinho, então comecei a ter parcerias, em que me coloco às vezes como um coordenador ou participante da equipe. O primeiro trabalho nesse sentido foi um coletivo que eu tinha na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que chamava (foto)contemporaneav, quando nós fizemos a inauguração do Núcleo de Arte e Tecnologia da EAV. Nós trabalhamos três anos juntos de forma colaborativa. Depois vieram trabalhos menores, no Leve Rio o negócio ficou do jeito que eu queria. É um trabalho amplo, onde pessoas entram e pessoas saem. Eu sou a proponente do projeto, mas aquelas subjetividades, as decisões que a gente toma para realizar o trabalho são coletivas. O trabalho é coletivo, a maneira como ele é percebido pelo público é coletiva.

[GAMBIARRA] Como você se vê dentro de seu próprio processo, nos trabalhos que realiza sozinha no ateliê?

[Denise Cathilina] O processo de trabalho das artes visuais é o de você com você mesmo. O meu trabalho eu acho que poderia chamar de autobiográfico. Eu só falo de coisas que estão muito coladas às minhas questões e à minha vida, o que eu acho que fica mais claro nos fotogramas. Uma coisa que permeia meu trabalho há anos – eu vou e volto aos fotogramas. Nos fotogramas são sempre os meus objetos, o meu corpo que está ali marcado pela luz. Eu já fiz desde cadeiras da minha casa até o corpo mesmo. São as questões que me tocam particularmente, por isso considero autobiográfico. O que seria o contrário dessa vontade coletiva, porque quando eu quero falar mais do mundo eu sinto vontade de trabalhar com coletivo, com várias visões de mundo que me instigam, com as discussões e os conflitos. Lembro que uma vez no Leve Rio aconteceu uma discussão em que falaram que eu estava chateada, mas imagina. Quando eu procuro isso, eu procuro o conflito, a divergência e todo mundo é grande. A gente sabe chegar a uma conclusão das coisas, mas acho bárbaro eu pensar uma coisa, você outra e a gente chegar a uma coisa que não é a minha nem a sua, mas algo muito melhor. Mas quando me tranco no ateliê, aparece a pessoa altamente introspectiva que eu sou, de ficar remoendo sua vida interior. Por isso, todos os meus trabalhos têm uma conexão direta com os acontecimentos da minha vida.

[GAMBIARRA] Então podemos pensar no seu processo como um processo de corpo presente na obra?

[Denise Cathilina] Sim. Aliás, a minha vida é de corpo presente, porque vem lá do teatro, o estar lá. Às vezes, penso no dar aula: por que eu dou aula? Porque eu posso fazer o negócio não ser corpo presente, mas eu não sei, acho que preciso. Acho que realmente esse contato com isso que vou chamar de plateia, para mim é vital. É uma coisa que me energiza. Adoro dar aula, palestra, tudo que tem que falar para público é comigo mesmo. Eu adoro.

[GAMBIARRA] Nos projetos coletivos em que são vários os artistas trabalhando, como você vê a relação, que você mesma falou, entre a obra não ser o que você pensou nem o que o outro pensou, mas uma terceira coisa? O que podem ser esses vários processos de diferentes artistas trabalhando com um mesmo objeto ou projeto?

[Denise Cathilina] Acho que é pensar alto. É a oportunidade de você pensar alto. Gosto de trabalhar em grupo. Por que eu gosto tanto? Acho que tenho facilidade e também treinamento, porque estou há trinta anos nas artes coletivas se contarmos o tempo de teatro. Na verdade, mais de trinta anos. Eu gosto de gente, gosto de ouvir e tenho a convicção de que não estou sempre certa, embora quando proponho alguma coisa eu tenha bastante conhecimento sobre aquilo. E esse coletivo, Leve Rio, é dos meus alunos, o que posso dizer que me empurrou para a curadoria. Há coisas que não se ensinam no “blábláblá”, porque você precisa “meter a mão na massa”. Posso dizer que virei curadora no Ateliê da Imagem. Quando entrei, o coordenador era o Pedro Vasquez que falou que eu tinha que arrumar uma maneira de fazer uma prova, uma

finalização do trabalho. Então pensei que eu havia ido ao Ateliê da Imagem para levar uma fotografia do ramo das Artes Visuais que, até então, era uma escola muito centrada no documental. Não fazia sentido eu pedir um portfólio se estou aqui justamente para falar de uma fotografia que vai para o espaço. Nesse momento, veio a ideia. Naquela época, lá não havia uma galeria que a gente pudesse se espalhar pelos corredores, pelo prédio. Atribuo isso a duas coisas: uma ter me tornado curadora. Lá eu montava duas exposições por ano, uma em cada semestre. Trabalhei no Ateliê da Imagem por oito anos, então foram umas dezesseis exposições. Outra questão é que os coletivos que trabalho são os dos meus alunos, uma continuação da sala de aula. Eu tomei esses coletivos como continuação da prática e tenho orgulho de ser professora.

A segunda geração de artistas que fizeram as primeiras exposições comigo está se formando. Eles tiveram a experiência de levantar o primeiro trabalho sob minha orientação. Eu chego perto da verdade e é isso que os alunos vão encontrar na vida – não é nada idealizado, não pode ser um trabalho não-exequível. Tenho pânico desses trabalhos não-exequíveis, pois ideia todo mundo tem, mas o artista é aquele ser que tem a capacidade de materializar aquilo que está na sua cabeça, que é indizível e inefável. Também por isso o coletivo é legal, porque tenho esse meu universo fechado, introspectivo, muito pequenininho, que acaba na superfície da minha pele. É bom ter outras coisas, aliás, eu gosto de tudo, de fazer tudo, experimentar na rua, trabalhos que não sejam um produto, mas sim uma experiência de fruição. Também penso isso quando penso e faço instalações que não têm obra; quer dizer, tem obra, mas não tem matéria, são dois ou três projetores de slides e acabou.

Ali naquela estante, há três instalações desmontadas, um negócio pequenininho mas que já ocupou uma sala do Paço Imperial que é enorme. Mas, também gosto de ir para o cianótipo e fazer uma fotografia que é única e não um múltiplo; é quase que um desenho, um desenho da luz. Por isso me vejo como uma pesquisadora, porque isso é mais importante do que o aonde vou chegar, mas acabo chegando, no cianótipo onde a fotografia é uma cópia única ou ao Leve Rio que acontece totalmente fora do circuito da arte. Nosso público é formado por transeuntes e convidados. Eles são o *link* com a arte oficial. Toda as vezes em que vejo as fotos do Leve Rio, me fico comovida com a expressão das pessoas observando e podendo levar para casa. Comove ver aquilo na casa das pessoas, uma coisa que elas tiraram do muro e está fazendo parte da decoração, de um ambiente doméstico. Eu posso trabalhar no bidimensional, no tridimensional, é a pesquisa dentro da fotografia e os seus limites que me interessam. E essa pesquisa pode se tornar, se materializar de maneiras diferentes.

[GAMBIARRA] Você acredita que o processo criativo possa surgir tanto para você quanto para os seus alunos em sala de aula?

[Denise Cathilina] Pode surgir em qualquer hora. Outro dia, li uma frase do Picasso que achei maravilhosa. Ele falou que a inspiração realmente existe, mas ela tem que te pegar trabalhando. É verdade, ela tem que te pegar trabalhando, porque você o tempo

todo está criando relações. O trabalho do artista não para, é um *continuum*. Eu tenho uma historinha que acho fantástica. Quando eu era atriz, fui fazer curso de mímica com uma pessoa que foi aluna do Marcel Marceau, então era um curso difícil para bailarinos e atores, uma turma grande. O pessoal conversava no vestiário, no finalzinho, e, para começar a conversa, se perguntava: “você é ator ou bailarino?” Uma vez, dei carona para uma japonesinha e para começar a conversa: “você é atriz ou bailarina?” Ela falou: “eu sou engenheira.” Ai você se espanta e questiona: “engenheira?” Ela disse que sim, que tinha acabado um curso de quadrinhos e que agora estava fazendo esse de mímica porque queria implantar isso na sua fábrica. Disse que implantou os quadrinhos e foi muito bom, porque criaram um mural lá na fábrica e os trabalhadores ficavam com vontade de voltar no outro dia para ver o que tinha, se algum colega colocou algum quadrinho sobre ele, porque os quadrinhos eram comentando a vida da fábrica, ou alguma caricatura, ou se colocaram algum quadrinho de outro colega. Ai eu disse: “nossa, que legal essa experiência!” mas ela se espantou e falou, “legal? Isso é uma escravidão, o artista fica o tempo inteiro pensando sobre o seu trabalho.” Então, chegamos no lugar que a garota ia saltar, ela bateu a porta do carro, foi embora e eu nunca mais a vi. Ela estava colocando elementos artísticos dentro da fábrica porque ela chegou a conclusão de que o artista só fica pensando no seu trabalho e acha o maior barato. Como pode alguém pode ver isso como uma escravidão? O artista está mesmo o tempo todo pensando. O que tento dizer aos meus alunos é para tentar clarificar esse processo, para não ter que depender do dia que você está mais inspirado, ou mais feliz, ou mais triste para alguma coisa te mover e você chegar a um trabalho. O artista profissional tem que ter os seus botões e saber acessar a sua mente para fazer seus trabalhos.

[GAMBIARRA] Então, podemos pensar que o artista contemporâneo está em processo o tempo todo?

[Denise Cathilina] Sim. Eu acho que o artista está, ainda mais na arte contemporânea, onde a vida é elemento. Uns vão ser mais explícitos e outros menos, mas você tira das suas vivências. O artista contemporâneo ou está trabalhando com as suas vivências ou ele é um ordenador que ordena o mundo. O trabalho sempre tem uma carga de pessoal.